

## **MICRORREGIÕES DE CARAZINHO E PASSO FUNDO NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE COMPARATIVA DAS POTENCIALIDADES E CARÊNCIAS**

### **Maria Eloisa Cavalheiro**

Graduada em Administração de Empresas, Especialista em Mercosul e Desenvolvimento Regional, Mestra em História Regional – Universidade de Passo Fundo – UPF, Doutoranda em Desenvolvimento Regional – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Bolsista do governo brasileiro - CAPES. Docente da FEAC- UPF.

Avenida General Neto, nº. 669/902- Centro- Passo Fundo/RS. Cep: 99010-020

[mecavalheiro@yahoo.com.br](mailto:mecavalheiro@yahoo.com.br)

### **Lucir Reinaldo Alves**

Economista pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Mestrando em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Bolsista do governo brasileiro - CAPES. Pesquisador do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). Endereço: Rua Augusto Spengler, 399, Edifício Solar Mediterrâneo, Apto. 303, Bairro Universitário, 96815-020, Santa Cruz do Sul-RS, E-mail: lucir\_a@hotmail.com

### **Moacir Piffer**

Doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Bolsista do governo brasileiro - CAPES. Professor assistente do Colegiado de Economia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). Endereço: Rua Augusto Spengler, 399, Edifício Solar Mediterrâneo, Apto. 303, Bairro Universitário, 96815-020, Santa Cruz do Sul-RS, E-mail: piffer@unioeste.br

**Área temática:** Localização e distribuição regional do desenvolvimento

**Resumo:** Identificar através de pesquisas e estatísticas a atual situação do nível de desenvolvimento da região das cidades de Passo Fundo e Carazinho, na tentativa de localizar prováveis equívocos nas formulações de políticas regionais impostas a esses contextos, buscando, sobretudo, identificar possíveis saídas para a estruturação de processos de desenvolvimento mais significativos e eficientes. Outro ponto de importância fundamental é localizar através das análises, possíveis gargalos regionais em suas cadeias produtivas, identificando e fundamentando sua provável existência.

**Palavras-chave:** Microrregião, Planejamento, Cadeias Produtivas

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades e gargalos aparentes das microrregiões de Passo Fundo e Carazinho no Rio Grande do Sul, observando o comportamento dos ramos de atividade e, alguns indicadores econômicos neles observados. A caracterização nessas regiões mostrou suas vulnerabilidades e suas potencialidades, na perspectiva de um desenvolvimento regional durável.

Para analisar a dinâmica regional é preciso conhecer a estrutura setorial-produtiva e verificar as transformações dessa estrutura no decorrer do tempo, que traz impacto ao seu padrão de crescimento e de desenvolvimento econômico, para tanto a análise dos setores produtivos se faz necessária, para que se tenha um ponto sólido de argumentação e análise.

Nesse sentido faz-se pertinente o estudo do significado de região que embora seja difícil estabelecer com precisão, o certo é que seja qual for a sua definição, ela está intimamente ligada às formas de produção que são comuns a determinados períodos da história, sendo entendida, de acordo com as oscilações econômicas e políticas. Dessa forma, a análise regional não ficou somente relacionada em torno da dinâmica econômica ou sobre a estrutura social, ela voltou-se também em relação ao indivíduo, nas suas particularidades e nas especificidades encontradas no contexto em que está inserido bem como sua relação com o espaço.

Na análise da dinâmica regional, a região está relacionada à idéia de que áreas geográficas podem estar ligadas como um conjunto único em virtude de suas características. O ponto de partida é a homogeneidade do território, enquanto as particularidades se concentram na heterogeneidade, já que, a região é um território que comporta uma unidade estrutural e, portanto, dinâmica. As características, no entanto, são as estruturas de produção, padrões de consumo, distribuição da força de trabalho, elementos culturais, sociais, políticos e econômicos.

Nesse contexto, Paiva relata:

A homogeneidade é à base da determinação da região; por isto mesmo, ela é o ponto de partida de qualquer regionalização. Contudo, ela não basta em si mesma. Uma região só existe verdadeiramente se ela comporta uma dinâmica particular, que se diferencia da dinâmica projetável para a mesma a partir da mera extrapolação da dinâmica “média” da macro-região em que está inserida. Esta dimensão particular da dinâmica da (sub) região considerada se funda nas suas contradições específicas e na forma como estas contradições são administradas, enfrentadas e resolvidas. Territórios limítrofes podem apresentar homogeneidades essenciais – o que já nos autoriza a pensá-los, num determinado âmbito, como uma única região -, e dinâmicas diferenciadas, assentadas em contradições e padrões peculiares de regulação e de polarização internas – o que já nos autoriza a pensá-los, em outro âmbito, como sub-regiões de uma região, dimensões heterogêneas de uma unidade contraditória, mas real (PAIVA, 2005).

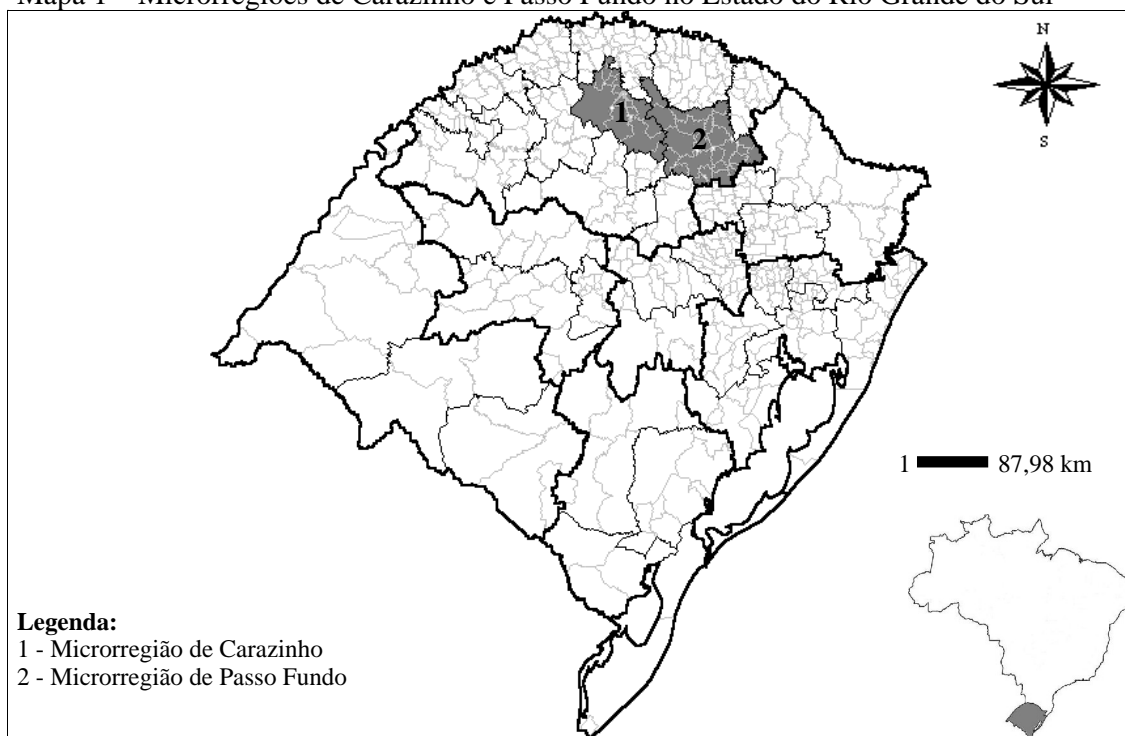
Além disso, a formação econômica de uma região está ligada diretamente a seus elementos históricos, haja vista que as duas microrregiões estudadas neste trabalho, de um modo geral, fazem parte da última região a ser colonizada no estado do Rio Grande do Sul. A colonização desta região foi feita através da migração européia, envolvendo, sobretudo alemães, italianos e poloneses (SILVA e FRANTZ, 2003).

Quanto à questão regional, Schwartzman argumenta que as regiões são nada mais que um detalhamento do que ocorre num sistema político nacional como um todo. O estudo das regiões seria uma espécie de aprofundamento no detalhe, para o entendimento do processo político e social como um todo, o autor entende que essa perspectiva vem associada com a tendência a pensar o fenômeno político e o fenômeno social junto com o fenômeno econômico, a partir de categorias gerais e abrangentes, tais como determinadas classes sociais, determinadas formas de produção, determinados estágios do processo de desenvolvimento (SCHWARTZMAN, 1983).

### Aspectos Metodológicos

A área de estudo deste trabalho corresponde às microrregiões de Passo Fundo e Carazinho, no Estado do Rio Grande do Sul, conforme demonstra Figura 1. Segundo IBGE (2005) as microrregiões homogêneas são áreas que agrupam, dentro de um mesmo Estado, municípios com características físicas, sociais e econômicas aproximadas. Alguns dos critérios estabelecidos para nomear as microrregiões são: - aporte tradicional (denominação do município mais tradicional ou antigo), e que tenha tido expressão na articulação do espaço; - aporte de hierarquia urbana (conforme o estudo do IBGE “Regiões de influência das Cidades - 1987”); e, - aporte de contingente populacional urbano.

Mapa 1 – Microrregiões de Carazinho e Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE, 2005

Para alcançar o objetivo principal foi utilizado o método de análise regional, através do quociente locacional. Os primeiros pesquisadores a aplicar e, sistematizar os indicadores de análise regional no Brasil, foram Lodder (1974), Haddad (1977) e Haddad (1989). Eles são referências importantes da aplicação empírica desse instrumental ao caso brasileiro.

Além disso, Pumain e Saint-Julien (1997) salientam que os indicadores de análise regional, ao utilizarem o peso relativo da variável base, anulam o efeito “tamanho” das regiões. Por isso, eles permitem o cálculo de indicadores confiáveis e possíveis de generalizações.

A variável utilizada foi o número de empregados por ramos de atividade. A sua escolha se deu porque, em geral, os ramos de atividade mais dinâmicos empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo e assim, a ocupação da mão-de-obra tem reflexo na renda regional, o que estimula o consumo e conseqüentemente a dinâmica da região. Além disso, essa variável demanda menos ajustes estatísticos.

Os ramos de atividade utilizados são os seguintes: extrativa mineral; indústria de produtos minerais não metálicos; indústria metalúrgica; indústria mecânica; indústria do material elétrico e de comunicações; indústria do material de transporte; indústria da madeira e do mobiliário; indústria do papel, papelão, editorial e gráfica; ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas; ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria; indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos; indústria de calçados; indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; serviços industriais de utilidade pública; construção civil; comércio varejista; comércio atacadista; instituições de crédito, seguros e capitalização; com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico; transportes e comunicações; serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação; serviços médicos, odontológicos e veterinários; ensino; administração pública direta e autárquica; e, agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal. Os dados foram coletados da Relação Anual de Informações Sociais - RAIS e correspondem aos anos de 1985, 1991, 2000 e 2003.

O quociente locacional é uma medida de localização, ou seja, de natureza setorial. Preocupam-se com a localização da variável-base setorial (número de empregados) entre os municípios das microrregiões estudadas, procurando identificar padrões de concentração ou dispersão da variável-base num determinado período. O cálculo do quociente locacional se dá da seguinte forma:

$$QL = \frac{\text{Mão-de-obra do setor } i \text{ do município da microrregião } j}{\text{Mão-de-obra do setor } i \text{ do Estado (RS)}} \\ \text{Mão-de-obra total da microrregião } j / \text{Mão-de-obra total do Estado (RS)}$$

No caso deste artigo, o quociente locacional (QL) é utilizado para comparar a participação percentual da variável-base setorial de um município com a participação percentual do Estado do Rio Grande do Sul. A importância do município da microrregião em análise no contexto estadual, em relação a variável-base setorial estudada, é demonstrada quando  $QL > 1$ . Nesse caso, indica a representatividade da variável-base setorial em uma microrregião específica, ou seja, indica que o município dessa microrregião é relativamente mais importante no contexto estadual, em termos do setor da variável-base, do que em termos gerais de todos os setores. Assim, quando  $QL > 1$  será considerado como “potencialidade” regional. O contrário ocorre quando o  $QL < 1$ , ou seja, considerar-se-á como “gargalo”. Assim, a partir da análise do QL poder-se-á visualizar a concentração de cada ramo de atividade da variável-base mão-de-obra em cada um dos municípios e microrregiões estudados.

#### **Aspectos da Dinâmica Socioeconômica Regional: tempos e fatos da ocupação do espaço**

O Rio Grande do Sul por ser uma região de fronteira, tem uma característica toda peculiar, foi o ponto de encontro entre o Império Português e o Império Espanhol. Constituiu-se assim uma tradição militar, uma tradição de vinculação muito grande entre elites civis e militares e uma tradição de rebeldia e de autonomia também bastante forte.

Afora isso o Rio Grande do Sul, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, única fronteira viva do Brasil onde as duas metrópoles coloniais ainda conflitavam na definição de seus domínios, foi o marco de sua formação histórica, delineando características sociais e econômicas. Sendo assim, tem sido dividido o Rio Grande do Sul em três regiões que econômica e culturalmente se diferenciam: a campanha, o litoral e a serra.

A estruturação desenvolvimentista de um país ou de uma região não é algo pré-estabelecido ou estático, mas fruto de uma construção histórica. Dessa forma as características culturais e sociais da região do Planalto Médio passaram por um processo de ocupação e colonização. Esse processo de conquista foi permeado por diversas disputas, que se iniciaram ainda no século XVII, entre os indígenas e os jesuítas que vieram em busca da concretização do seu projeto de reduções e, posteriormente, entre os nativos e os bandeirantes, tropeiros e imigrantes. Nesse sentido, segundo PAIVA 2005, é pertinente a colocação ao expressar que “uma região não é uma entidade física, mas uma construção social”.

Passo Fundo no século XVII fazia parte da redução jesuítica de São João Batista, que era então o núcleo mais oriental das missões jesuíticas, sob o domínio espanhol. Os ervais

nativos e a pecuária traziam à redução notável prosperidade, porém não tardou para que tal situação próspera fosse interrompida pelos repetidos ataques dos bandeirantes paulistas em busca de índios para o trabalho escravo. Contudo, o local tornou-se passagem obrigatória de tropeiros que procedentes da Fronteira Sul, se dirigiam para São Paulo, então o maior centro comercial de gado muar.

No início do século XIX, intensificou-se a ação dos tropeiros que chegaram a Passo Fundo para aprear o gado vacum e muar que se criara nos campos da região, levando-o para as prósperas regiões mineradoras. Devido a isso, teve início a efetiva ocupação do território pelo elemento branco civilizado.

O norte do estado, até o final do século XIX, era uma das regiões mais atrasadas da província em termos econômicos, pois, caracterizava-se por grandes florestas virgens, pinhais, ervais e, uma incipiente pecuária e, agricultura de baixo volume de produção. Com a colonização européia, passou a ser um espaço mais dinâmico em termos econômicos.

Com a fazenda de Manuel José das Neves se inicia o povoamento, logo aumentado por pessoas que provinham de São Paulo e Paraná. A povoação, consagrada a Nossa Senhora Conceição Aparecida, em 1847 foi elevada à categoria de freguesia. Em 1857, criou-se o município de Passo Fundo.

Carazinho foi um povoado iniciado oficialmente em 1880, com a doação da terra para a construção desse por Possidônio Ribeiro de Sant'Ana Vargas. O povoado pertenceu à região de Passo Fundo como 4º distrito até sua emancipação como município de Carazinho em 1931. Carazinho desenvolveu-se a mercê de uma racional intensificação da produção e adoção de processos direcionados ao crescimento econômico. O município em questão era conhecido como Cidade dos Pinheirais, maior empório madeireiro e pólo exportador do estado do Rio Grande do Sul. Destacava-se ainda como produtor de farinha de mandioca, banha e couros suínos. Ainda, havia no município atividades ligadas à indústria ao comércio à pecuária e agricultura.

As regiões de Passo Fundo e Carazinho, não muito diferente de outras do estado, caracterizavam-se, a partir do início do século XX pela ocupação privada e econômica da terra, pela mistura de relações produtivas entre uma agricultura de alimentos com características históricas do desenvolvimento da pecuária; pela convivência de relações capitalistas não pacíficas com formas de produção não capitalistas; pela renda da terra com as formas avançadas de apropriação capitalista e produtiva da terra; pelo trabalho familiar do colono pequeno camponês com trabalho escravo e semi-escravo de caboclos nas estâncias pecuaristas; pela corrida desenfreada pela apropriação da terra por pequenos camponeses descendentes de imigrantes (TEDESCO, 2005)

Ainda a disputa por uma pecuária que relutava em subsistir sua atividade tradicional pelo cultivo de cereais como o trigo e o milho, especificamente; pela destruição das matas pela indústria da madeira abrindo caminho para a produção do trigo, o aparecimento de moinhos e, de uma estrutura cooperativista sob a égide dos granjeiros, o dinamismo da suinocultura e, sua conseqüente indústria da banha e do salame, matadouros, curtumes e frigoríficos (IBID).

Inicialmente baseada na agropecuária, essa região desenvolveu, nas últimas décadas, um significativo parque industrial onde predomina as indústrias de transformação agro-alimentar. Além disso, na produção agropecuária, destacam-se a suinocultura e avicultura.

Dessa forma, como tentativa de um melhor mapeamento das diversidades territoriais, houve a preocupação por parte do governo do Estado em planificar o Estado do Rio Grande do Sul em regiões, que numa proposta final ficaram compostas em 22, sendo uma metropolitana e 21 interioranas das quais três perimetropolitanas (MESQUITA, 2005). Para tanto, o território analisado (Passo Fundo e Carazinho) faz parte de duas regiões, sendo a primeira integrante da região do mesmo nome e, a segunda da região do Alto Jacuí. E, embora a proximidade entre ambas, cada uma apresenta uma certa especificidade na formação de seus municípios e no seu setor produtivo.

Todavia, essas mesmas regiões são integrantes, por sua vez, da Macro-região Norte, que na sua conjuntura é associada à agropecuária e à agroindústria, ocorrendo ainda em seu interior, uma influência significativa de culturas para exportação como a soja e o trigo, aliados a predominância das pequenas propriedades produtoras de suínos, galináceos e outras culturas que dinamizam e engrandecem o sistema agro-exportador da região.

No entanto, para se dizer que é uma região de planejamento, é algo relativo, uma vez que, na tentativa de elaborar uma divisão regional, cada Secretaria ou órgão vinculado ao Estado, possui uma divisão regional própria. Assim, a divisão regional segue padrões de acordo com os critérios de determinadas regiões ou setores, não havendo uma preocupação maior com um planejamento mais uniforme, que viabilize realmente a capacidade dos setores e das cadeias produtivas do Estado em sua totalidade.

Para Toni e Klarmann (s/d) as regiões de planejamento devem originar-se da aplicação de critérios político-administrativos fundamentados na atividade de planejamento. A região de planejamento deve representar uma intenção da autoridade pública que venha a afirmar uma compreensão do território a partir das necessidades desse mesmo território, formalizando dessa forma os processos necessários para a consecução de um determinado objetivo.

É certo que o Rio Grande do Sul apresenta uma área geográfica diversificada, porém a maioria de suas cadeias produtivas e, culturas, apresentam similaridades significativas que podem muito bem ser correlacionadas num planejamento mais estratificado. Foi nesse sentido e nessa falta de homogeneidade, que foram criados os Coredes, na tentativa de um processo de reformulação de estratégias e métodos de construção do planejamento estratégico estadual, principalmente no que se refere ao planejamento orçamentário e na participação dos diferentes setores e regiões.

Assim, na análise das microrregiões de Carazinho e Passo Fundo, deve-se destacar que, conforme o Figura 1 anteriormente mencionada, a microrregião é conceituada como a área individualizada em uma unidade da federação, que apresenta formas de organização do espaço definidas pelas seguintes dimensões: as características sociais e a localização das atividades produtivas como elementos de articulação espacial (LIMA *et al.*, 2004).

Vale ressaltar que, segundo o IBGE (2005) as microrregiões homogêneas são áreas que agrupam, dentro de um mesmo Estado, municípios com características físicas, sociais e econômicas aproximadas. Alguns dos critérios estabelecidos para nomear as microrregiões são: aporte tradicional (denominação do município mais tradicional ou antigo) e que tenha tido expressão na articulação do espaço; aporte de hierarquia urbana (conforme o estudo do IBGE “Regiões de influência das Cidades - 1987”) e; aporte de contingente populacional urbano. Esses elementos são construídos num processo histórico e na dinâmica regional das atividades produtivas. Eles dão as microrregiões uma identidade regional. Dessa forma, pode-se considerar as duas microrregiões estudadas como sendo regiões e distintas.

Nessa perspectiva, não se pode considerar as microrregiões definidas pelo IBGE como regiões de planejamento, pois, essas são formadas por regiões que necessitam de estímulo ao mercado, ou seja, um funcionamento econômico mais desenvolvido através de interferências de políticas públicas. No caso do Rio Grande do Sul os Coredes deveriam ser as regiões de planejamento e não as microrregiões.

Nessa concepção, Paiva por sua vez, expõe seu pensamento:



Desde logo é fácil reconhecer que a articulação desse conjunto de atores é tarefa complexa. Em particular, na medida em que não existe, hoje, nenhuma instância ou aparelho público (governamental ou não) com a responsabilidade e o poder real de estruturar esse diálogo e planejar as ações sobre aqueles territórios que transcendem o espaço municipal e representam tão-somente uma parte limitada do território gaúcho. É possível que no momento de sua constituição, os Coredes tenham sido pensados como essa instância de articulação. Porém eles não alcançaram se constituir como tal, em grande parte, pela virtual ausência de estrutura material e de recursos humanos com dedicação permanente aos Coredes e, em parte também pela ausência de uma estrutura “supracoredeana” que articulasse e garantisse consistência, no plano estadual, às políticas propostas pelos diversos Coredes.[...]. Nada obsta que essa seja a função dos Coredes. Mas se eles são órgãos absolutamente autônomos vis-à-vis aos governos eleitos nos planos estadual e municipal eles não podem, simultaneamente, pretender ser “o” órgão responsável pelo planejamento do desenvolvimento regional. Afinal, esse planejamento envolve a alocação de recursos públicos, que é uma responsabilidade dos governos eleitos [...]. (PAIVA, 2004). (grifo do autor).

Entretanto, deve-se ressaltar que vários estudos foram feitos sobre a avaliação dos Coredes e dentre eles destacam-se Bandeira (1998), Mauce (2000), Becker (2003), Siedenberg (2004), Paiva (2004 e 2005), entre outros. Estes estudos apontaram pontos positivos e negativos sobre os Coredes, mas o que ficou mais evidente foi que houve mudanças nas linhas de ação política com articulação das comunidades regionais. Por outro lado, no que se refere a questões econômicas, principalmente nos ramos de atividades dentro de cada Corede, não foi ainda efetuado.

### **Potencialidades e Gargalos das Microrregiões de Carazinho e Passo Fundo**

Segundo Paiva (2004), existem várias formas de se averiguar as potencialidades regionais. Uma delas é através da análise do peso relativo de cada macrossetor - agropecuária, indústria e serviços - em termos de Valor Adicionado Bruto (VAB) e de ocupação. O objetivo desse tipo de análise segundo o autor é diferenciar os municípios/regiões “rurais” dos municípios/regiões “urbanos”. Assim, municípios e regiões onde a agropecuária e a indústria têm pesos relativos maiores que os serviços no VAB e na População Ocupada (PO) são consideradas como indicador do potencial desses macrossetores para a geração regional de trabalho e renda. Ao contrário, quando o macrossetor serviços obtém esse peso superior pode estar expressando apenas a “estruturalidade” da crise produtiva da economia regional.

Nesta perspectiva, as Tabelas 1 e 2 demonstram os pesos relativos dos macrossetores supracitados no VAB e no PO das microrregiões de Carazinho e Passo Fundo, respectivamente.

Tabela 1 – Alguns indicadores econômicos da microrregião de Carazinho – 2000

Município	PO agropec / PO total	PO indústria / PO total	PO serviços / PO total	VAB Agropec / VAB Total	VAB Ind / VAB Total	VAB Serv / VAB Total
Alegria	74,86%	4,40%	20,78%	45,54%	3,45%	51,02%
Barra Funda	51,03%	12,97%	36,08%	29,89%	38,01%	32,10%
Boa Vista das Missões	62,99%	6,47%	30,64%	60,40%	3,63%	35,96%
Carazinho	10,46%	19,19%	70,34%	9,83%	40,16%	50,01%
Cerro Grande	74,64%	3,40%	21,89%	48,83%	4,15%	47,02%
Chapada	56,61%	13,13%	30,30%	52,68%	10,64%	36,67%
Coqueiros do Sul	75,64%	5,91%	18,27%	60,54%	4,99%	34,46%
Jaboticaba	71,99%	3,91%	24,15%	53,67%	3,16%	43,17%
Lajeado do Bugre	75,21%	1,35%	23,52%	53,61%	2,89%	43,51%
Nova Boa Vista	61,08%	20,41%	18,51%	52,52%	8,80%	38,67%
Novo Barreiro	74,48%	6,73%	18,69%	52,33%	4,38%	43,29%
Palmeira das Missões	29,17%	13,18%	57,65%	37,64%	8,38%	53,99%
Pinhal	70,45%	7,56%	21,99%	40,16%	26,41%	33,43%
Sagrada Família	79,01%	3,40%	17,52%	52,43%	3,59%	43,98%
Santo Antônio do Planalto	44,18%	13,39%	42,43%	51,26%	10,99%	37,74%
São José das Missões	78,35%	3,53%	18,12%	56,59%	4,22%	39,20%
Sarandi	18,31%	30,19%	51,49%	16,99%	30,71%	52,30%

Fonte: IBGE (2000) e PAIVA (2004)

Segundo a Tabela 1 observa-se que a maioria dos municípios da microrregião de Carazinho, com exceção dos municípios de Carazinho, Palmeira das Missões e Sarandi, podem ser considerados rurais, pois apresentam peso da agropecuária no VAB maior que 30%. De acordo com Paiva:

Regiões onde mais de 30% do VAB é gerado na agropecuária (o que, dados os padrões de produtividade e ocupação que caracterizam campo e cidade, se traduz, usualmente, em uma participação da população ocupada (PO) rural na PO total igual ou superior a um terço) são comunidades/municípios/regiões tipicamente rurais. De fato, esses territórios dependem da agropecuária de uma forma muito particular: ela é a principal fonte de integração da comunidade com o exterior. (PAIVA, 2004)

Já, os municípios de Barra Funda, Carazinho, Pinhal e Sarandi possuem participação industrial no VAB superior a 25%. Segundo Paiva, “de outro lado, se nos depararmos com um VAB industrial superior a um quarto do VAB total (e/ou uma PO industrial superior a um quinto da PO total), estaremos autorizados a suspeitar da existência de potencialidades imediatas na indústria regional” (PAIVA, 2004):

Aí reside um fato crucial para o desenvolvimento do Brasil rural, onde o maior desafio do país é iniciar a construção dessa prosperidade multiplicadora de novos empreendimentos que, simultaneamente, conserve a estabilidade e ponha fim às práticas de exploração predatória dos imensos recursos naturais. A busca desse desenvolvimento sustentável também exigirá um amplo rearranjo institucional, processo difícil e lento, devido à inércia imposta por fortes interesses cristalizados. Por isso, a possibilidade de acelerar mudanças dependerá, antes de tudo, da capacidade que terão os próximos governos em transformar suas agendas de modernização em fatos concretos que afetem a qualidade de vida no dia-a-dia das pessoas.

Não há dúvida de que o aumento da competitividade sistêmica do agronegócio será fundamental para a obtenção de saldos no comércio exterior que contribuam para a retomada do crescimento. Contudo, esse não pode ser o papel exclusivo a ser atribuído ao Brasil rural, pois, se assim for, o desemprego só fará aumentar e, com ele, as desigualdades. Daí a importância estratégica de se adotar um estilo de crescimento que abra novas perspectivas para o Brasil rural, ao invés de esvaziá-lo. Neste sentido, esses municípios possuem um setor industrial representativo na absorção de renda e na geração de renda regional e devem ser levados em consideração pelo poder público quando da implementação de políticas para o desenvolvimento regional.

Deve-se ressaltar que a maioria dos municípios possui, além do setor agropecuário representativo, o setor de serviços em destaque. Essa característica é positiva, pois se esse setor apresentasse uma participação muito pequena poderia ser considerado como um gargalo limitador da dinâmica regional.

A Tabela 2 a seguir mostra alguns indicadores econômicos da microrregião de Passo Fundo.

Tabela 2 – Alguns indicadores econômicos da microrregião de Passo Fundo - 2000

Município	PO agropec / PO total	PO indústria / PO total	PO serviços / PO total	VAB Agropec / VAB Total	VAB Ind / VAB Total	VAB Serv / VAB Total
Água Santa	67,89%	8,07%	23,99%	62,18%	3,41%	34,41%
Camargo	65,09%	9,96%	24,95%	73,99%	4,10%	21,91%
Casca	37,99%	26,84%	35,17%	43,69%	16,97%	39,34%
Caseiros	55,94%	9,24%	34,74%	55,03%	6,12%	38,85%
Charrua	66,59%	5,60%	27,81%	54,46%	3,88%	41,66%
Ciríaco	35,06%	38,64%	26,19%	56,00%	4,51%	39,49%
Coxilha	54,90%	9,89%	35,29%	66,08%	4,04%	29,88%
David Canabarro	35,25%	38,10%	26,61%	58,78%	9,17%	32,05%
Ernestina	52,58%	10,77%	36,65%	54,29%	6,60%	39,11%
Gentil	61,55%	17,55%	20,91%	62,49%	10,28%	27,22%
Ibiraiaras	61,64%	7,56%	30,81%	50,83%	5,35%	43,82%
Marau	22,77%	37,42%	39,82%	9,12%	67,58%	23,30%
Mato Castelhano	59,31%	13,07%	27,71%	51,20%	23,55%	25,24%
Muliterno	74,74%	7,16%	18,20%	64,75%	2,20%	33,05%
Nicolau Vergueiro	60,21%	5,02%	34,77%	55,52%	11,80%	32,68%
Passo Fundo	4,31%	21,40%	74,30%	2,97%	29,98%	67,05%
Pontão	70,81%	9,50%	19,75%	61,62%	5,32%	33,06%
Ronda Alta	37,81%	12,07%	50,10%	45,51%	8,44%	46,04%
Santo Antônio do Palma	49,82%	34,55%	15,56%	68,33%	4,45%	27,22%
São Domingos do Sul	30,21%	34,62%	35,17%	54,01%	13,70%	32,30%
Sertão	48,90%	9,52%	41,61%	52,93%	7,01%	40,06%
Tapejara	28,74%	26,46%	44,79%	22,39%	33,91%	43,70%
Vanini	52,33%	23,16%	24,60%	64,56%	4,78%	30,67%
Vila Lângaro	68,82%	6,93%	24,16%	65,77%	3,59%	30,65%
Vila Maria	46,00%	24,43%	29,53%	61,72%	9,88%	28,41%

Fonte: IBGE (2000) e PAIVA (2004)

Semelhantemente à microrregião de Carazinho a microrregião de Passo Fundo possui a maioria dos municípios com predominância da agropecuária na composição do VAB. Isso ocorre, pois essas duas microrregiões são contíguas: são próximas e possuem características históricas, geográficas e econômicas similares.

Dos 25 municípios que compõem a microrregião de Passo Fundo somente Marau, Passo Fundo e Tapejara não apresentaram o setor da agropecuária representativo. Esses três municípios apresentaram peso dos setores industrial e de serviços mais significativos no VAB e na PO. No caso do setor industrial representativo nesses três municípios indica uma potencialidade na indústria regional.

Resta, ainda, uma análise sobre o índice de aumento ou recrudescimento dos valores apresentados nestas duas tabelas, onde se pode observar a seguinte disposição:

	PO Agropec / PO Total	PO Indústria / PO Total	PO Serviços / PO Total
Carazinho	10,46%	19,19%	70,34%
Passo fundo	4,31%	21,40%	74,30%

Nessa relação Carazinho inicia com uma variável de 6,15% sobre a cidade de Passo Fundo no setor agropecuário, que em seguida apresenta uma inversão de 2,21% em seu favor no quesito indústria, para em uma análise total de serviços de PO, chegar ao patamar de 3,96% sobre a primeira, apresentando, portanto um índice de desenvolvimento aparentemente compatível entre as duas regiões, haja vista o número de habitantes de um município em relação ao outro. Ou conforme, o quadro abaixo:

	VAB Agropec / VAB Total	VAB Indústria / VAB Total	VAB Serviços / VAB Total
Carazinho	9,83%	40,16%	50,01%
Passo fundo	2,97%	29,98%	67,05%

Nota-se, portanto, que a VAB Agropecuária de Carazinho, incidiu sobre a de Passo Fundo numa relação de 6,86%, para continuar no setor da indústria numa relação de 10,18%, para em seguida sofrer uma inversão de 17,04% na categoria de serviços. Isso demonstra a capacidade de articulação e possibilidade de incrementos voltados ao setor agropecuário e industrial que os dois pólos possuem, isto é, um planejamento voltado a esses setores, que tornem viável a manutenção e a estruturação de projetos e incrementos voltados à dinamização de recursos que visem o desenvolvimento sócio-econômico dessas duas regiões, voltados ao setor primário, estimulando as cadeias produtivas presentes no setor agropecuário, atividades industriais, comércio de mercadorias e prestação de serviços.

Para melhor avaliar as potencialidades das microrregiões em análise, foi utilizado o Quociente Locacional. Esse quociente é uma medida de especialização e fornece as melhores

“pistas” do potencial de uma região, no nosso caso, das microrregiões em análise, bem como dos problemas existentes.

Nesse sentido, a Tabela 3 apresenta os resultados do Quociente Locacional para a microrregião de Carazinho e Passo Fundo a partir dos dados dos censos demográficos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Tabela 3 - Quociente Locacional dos Ramos de Atividades das Microrregiões de Carazinho e Passo Fundo a partir de Dados do IBGE - 1980/2000

Ramo de Atividade	Microrregião de Carazinho			Microrregião de Passo Fundo		
	1980	1991	2000	1980	1991	2000
Agropecuária	1,62	1,83	1,69	1,27	1,34	1,15
Indústria da Transformação	0,35	0,36	0,57	0,63	0,64	0,90
Indústria da construção	0,73	0,71	0,79	0,90	0,79	0,94
Outras atividades industriais	0,86	0,78	0,79	0,97	0,95	0,79
Comércio de mercadorias	1,09	0,97	0,91	1,02	1,07	1,04
Transportes de comunicações	0,80	0,73	0,74	0,99	0,96	0,85
Prestação de serviços	1,00	0,97	0,91	1,00	0,94	0,95
Atividades sociais	0,76	0,78	0,74	1,10	1,10	1,05
Administração pública	0,65	0,68	1,00	0,77	0,87	0,90
Outras atividades	0,60	0,70	2,52	0,77	0,88	1,15

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000.

Segundo a Tabela 3 as duas microrregiões analisadas possuem o setor da agropecuária bem expressivo. Essa característica confirma os dados do VAB anteriormente analisados. No entanto, existem particularidades em relação aos demais setores.

Enquanto a microrregião de Carazinho possui os setores da administração pública e de outras atividades representativos, a microrregião de Passo Fundo demonstra um dinamismo maior nos ramos do comércio de mercadorias e das atividades sociais. Ou seja, após a agropecuária é o setor de serviços que ganha representatividade nessas duas microrregiões.

Nesse sentido, também é necessário ter-se em mente que o crescimento regional depende do crescimento de seus pólos e daí ramifica-se para outros pontos e setores. As regiões devem ter um favorável crescimento econômico fortalecendo assim a sua base, ou seja, o crescimento regional depende do crescimento que começa nos centros urbanos e da difusão desse crescimento por toda a região. É imprescindível que haja uma boa estrutura organizacional que mantenha por sua vez, um bom relacionamento com os seus pólos regionais, para com isso haver a circulação da produção e difusão do desenvolvimento, e, em contrapartida, uma sólida, diversificada e dinâmica relação produtiva, econômica e administrativa estará se realizando.

No entanto, para afirmar as potencialidades e se existem cadeias produtivas e ainda, apontar os setores que devem ser estimulados é preciso uma análise setorial mais desagregada e, isso será visualizado na Tabela 4.

Tabela 4 - Quociente Locacional dos Ramos de Atividades das Microrregiões de Carazinho e Passo Fundo a partir de Dados da RAIS - 1985/2003

Ramo de Atividade	Carazinho				Passo Fundo			
	1985	1991	2000	2003	1985	1991	2000	2003
Extrativa mineral	0,03	0,02	0,40	0,68	1,11	0,92	3,02	2,69
Indústria de produtos minerais não metálicos	0,57	1,00	0,83	0,97	1,23	1,41	0,81	0,71
Indústria metalúrgica	0,18	0,23	0,73	0,47	0,59	0,52	1,02	1,03
Indústria mecânica	2,02	1,02	0,91	1,82	2,46	1,95	2,00	1,98
Indústria do material elétrico e de comunicações	0,01	0,00	0,11	0,12	0,08	0,12	0,13	0,30
Indústria do material de transporte	0,69	0,58	0,04	0,11	0,07	0,07	0,11	0,21
Indústria da madeira e do mobiliário	1,13	1,13	0,69	0,76	0,99	0,72	0,95	0,77
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	0,94	0,83	0,78	0,76	0,21	0,37	0,58	0,56
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. Diversas	0,08	0,19	0,38	0,26	0,80	0,77	1,11	0,80
Ind. Química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	0,29	0,13	0,10	0,47	0,24	0,20	0,39	0,41
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	0,26	0,73	1,94	2,25	0,75	0,53	1,13	1,28
Indústria de calçados	0,01	0,42	0,95	0,72	0,01	0,04	0,08	0,13
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	0,48	0,71	1,62	1,32	1,54	2,84	2,36	2,69
Serviços industriais de utilidade pública	1,54	1,55	1,26	1,22	1,08	1,00	0,64	0,73
Construção civil	1,08	0,75	0,85	0,95	0,99	0,77	0,89	0,70
Comércio varejista	1,85	1,94	1,36	1,37	1,47	1,44	1,43	1,33
Comércio atacadista	4,52	1,94	1,20	1,22	2,01	1,34	1,62	1,74
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1,44	1,11	1,03	1,09	1,33	1,23	1,17	1,11
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	0,55	0,51	0,36	0,31	0,85	0,79	0,78	0,71
Transportes e comunicações	1,15	1,28	1,07	1,20	0,96	0,88	0,88	0,91
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	0,77	0,71	0,77	1,02	1,49	1,56	0,92	0,88
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1,57	1,54	0,90	0,91	0,59	0,47	1,70	1,64
Ensino	1,69	1,89	0,61	0,67	1,46	1,37	1,53	1,72
Administração pública direta e autárquica	0,69	0,93	0,90	0,75	0,73	0,75	0,52	0,53
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	2,92	3,29	2,92	2,95	1,20	1,06	1,08	1,08

Fonte: RAIS, 2005.

Os resultados da aplicação do QL para os dados da RAIS confirmam os dados do IBGE ao apresentar Qs significativos para os setores da agropecuária e do comércio. No entanto novas particularidades também foram destacadas: na microrregião de Carazinho os ramos da indústria têxtil, indústria de produtos alimentícios e dos serviços de alojamento apresentaram um dinamismo surpreendente a partir dos anos 2000. Esses três ramos de atividade apresentaram Qs > 1 a partir desse período demonstrando uma concentração maior de empregados a partir dessa data. Já, a microrregião de Passo Fundo apresentou essa característica para os ramos de atividade da indústria mecânica, indústria do vestuário e serviços médicos.

Deve-se ressaltar que, na microrregião de Passo Fundo, o ramo do ensino está apresentando evolução do seu QL com o passar dos anos. A expressividade desse ramo, é reflexo da Universidade de Passo Fundo (UPF), que dinamiza esse setor nessa microrregião.

Outro fato interessante é que ambas as microrregiões apresentaram Qs expressivos para os ramos de atividade da indústria de produtos alimentícios e indústria têxtil. Como ambas as microrregiões também possuem os ramos de atividade do comércio, transporte e agricultura (no caso da indústria de produtos alimentícios), esses dois setores (indústria de

produtos alimentícios e têxtil) poderiam ser estimulados de modo a alavancar o desenvolvimento sócio-econômico microrregional, pois os efeitos multiplicadores de renda e emprego desses setores são expressivos.

No caso da agricultura da microrregião de Carazinho são as culturas do milho, soja, trigo, erva mate e suíno as mais representativas, como se pode observar pelo Quadro 1. Neste sentido, as indústrias de transformação agro-alimentar poderiam ser estimuladas de forma a fomentar o setor agrícola dessa microrregião. Além disso, o Quadro 1 mostra que a maioria dos municípios possui uma agricultura bem diversificada. Assim, estimular a industrialização dos produtos nos estabelecimentos agropecuários poderia ser outra opção para agregar renda à população rural.

Quadro 1 – Culturas com  $QL > 1$  nos municípios da microrregião de Carazinho

Município da Microrregião de Carazinho	Culturas com $QL > 1$
Almirante Tamandaré do Sul	cevada, leite, milho, soja e trigo
Barra Funda	batata-doce, cana açúcar, laranja, leite, mel de abelha, melão, milho, noz, pêra, soja, suíno, trigo e uva
Boa Vista das Missões	aveia, centeio, cevada, erva mate, feijão, melão, milho, soja e trigo
Carazinho	Cevada, milho, soja e trigo
Cerro Grande	abacate, amendoim, batata-doce, cana açúcar, cebola, coelhos, erva mate, ervilha, feijão, galinhas, laranja, leite, mandioca, mel de abelha, milho, ovos de galinha, pêra, soja, e suíno
Chapada	centeio, cevada, erva mate, leite, mandioca, milho, soja e trigo
Coqueiros do Sul	cevada, leite, mel de abelha, milho, ovos de galinha, soja e trigo
Jaboticaba	aveia, cana açúcar, coelhos, erva mate, feijão, laranja, mamão, mandioca, milho, soja, suíno e trigo
Lajeado do Bugre	aveia, batata-doce, cana açúcar, erva mate, ervilha, feijão, mandioca, melão, milho, soja e suíno
Nova Boa Vista	batata-doce, cana açúcar, cebola, coelhos, leite, mel de abelha, milho, noz, pêra, soja, suíno e trigo
Novo Barreiro	abacaxi, cana açúcar, erva mate, feijão, mandioca, mel de abelha, milho, soja, suíno e trigo
Palmeira das Missões	aveia, centeio, cevada, erva mate, linho, soja e trigo
Pinhal	abacate, abacaxi, amendoim, batata-doce, cana açúcar, coelhos, erva mate, ervilha, feijão, figo, leite, mamão, mandioca, melão, milho e suíno
Sagrada Família	abacaxi, aveia, cana açúcar, coelhos, erva mate, ervilha, laranja, mandioca, mel de abelha, milho, soja, suíno e trigo
Santo Antônio do Planalto	amendoim, aveia, cevada, melão, milho, soja e trigo
São José das Missões	abacate, cana açúcar, erva mate, feijão, figo, laranja, mandioca, milho, soja, suíno e trigo
São Pedro das Missões	amendoim, erva mate, feijão, melão, milho, soja, suíno e trigo
Sarandi	Amendoim, codornas, leite, milho, soja, suíno, trigo e uva

Fonte: Resultados obtidos através dos dados do IBGE (2005)

Com relação à microrregião de Passo Fundo o Quadro 2 mostra que são as culturas do leite, milho, cevada, galos, frangas, frangos e pintos, trigo e soja as mais representativas. Dessa forma, nessa microrregião a agroindustrialização poderia ser estimulada similarmente a microrregião de Carazinho. A agroindustrialização é importante, pois possui um multiplicador de renda e emprego significativo, além de estimular, também, a permanência dos agricultores no campo.

Quadro 2 – Culturas com QL&gt;1 nos municípios da microrregião de Passo Fundo

Município da Microrregião de Passo Fundo	Culturas com QL>1
Água Santa	amendoim, aveia, cevada, erva mate, galos, frangas, frangos e pintos, leite, melão, milho, soja e trigo
Camargo	aveia, erva mate, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, pêra e suíno
Casca	cevada, figo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, suíno e uva
Caseiros	alho, batata ing., caqui, cevada, ervilha, galinhas, leite, maçã, mel de abelha, milho, pêra, soja e trigo
Charrua	aveia, cevada, coelhos, feijão, figo, laranja, leite, mel de abelha, milho, soja, suíno e trigo
Ciríaco	Bubalino, cevada, feijão, fumo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, soja e trigo
Coxilha	amendoim, aveia, cevada, feijão, melão, milho, soja e trigo
David Canabarro	aveia, batata ing, caqui, cevada, ervilha, feijão, fumo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, mel de abelha, melão, milho, noz e pêra
Ernestina	cevada, leite, pêra, soja e trigo
Gentil	cevada, ervilha, galos, frangas, frangos e pintos, milho, soja e trigo
Ibiraiaras	alho, batata ing, cebola, cevada, feijão, galinhas, leite, marmelo, melão, milho, tomate e trigo
Marau	aveia, caqui, cevada, coelhos, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, noz, pêra, soja e trigo
Mato Castelhana	amendoim, aveia, cevada, erva mate, figo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, noz, pêra, soja e trigo
Muliterno	alho, batata ing, batata-doce, caqui, cebola, erva mate, feijão, figo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, pêra e uva
Nicolau Vergueiro	aveia, cevada, coelhos, ervilha, galos, frangas, frangos e pintos, leite, noz, soja e trigo
Passo Fundo	amendoim, aveia, bubalino, caqui, centeio, cevada, galos, frangas, frangos e pintos, leite, marmelo, noz, pêra, soja, tomate e trigo
Pontão	aveia, cana açúcar, centeio, cevada, codornas, leite, mandioca, milho, ovos de codorna, soja e trigo
Ronda Alta	cevada, pêra, soja e trigo
Santa Cecília do Sul	amendoim, aveia, cevada, coelhos, erva mate, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, soja, suíno e trigo
Santo Antônio do Palma	caqui, cevada, coelhos, erva mate, figo, fumo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, mel de abelha, milho, noz
São Domingos do Sul	amendoim, caqui, centeio, coelhos, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, noz, pêra e suíno
Sertão	aveia, cevada, erva mate, figo, leite, milho, pêra, soja e trigo
Tapejara	amendoim, aveia, cevada, coelhos, figo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, noz, soja, suíno e trigo
Vanini	fumo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho e suíno
Vila Lângaro	aveia, centeio, cevada, coelhos, figo, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho, soja, suíno e trigo
Vila Maria	coelhos, erva mate, galinhas, galos, frangas, frangos e pintos, leite, milho e suíno

Fonte: Resultados obtidos através dos dados do IBGE (2005)

Ao analisar esses dados e chegando a conclusão que os dois contextos apresentam alguns índices de crescimento em determinados setores que variam ou oscilam positivamente em seu índice de crescimento ou produção, tais como, além da agropecuária, os ramos: da indústria mecânica; da indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos; da indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; do comércio atacadista; do ensino, entre outros, pode-se responder a questão que faz referência aos gargalos regionais

Ou seja, a possibilidade de haver uma saída ou um gargalo regional utilizando os setores acima mencionados, uma vez que possuem em sua solidificação ou utilização incrementos que requerem em sua formação, uma parceria e um crescimento paralelo que envolva os vários outros ramos de produção e desenvolvimento, que utilizarão na sua solidificação, a coerente e sistemática utilização de recursos disponíveis, tanto naturais como



econômicos, voltados ao crescimento sólido das cadeias produtivas da região e, em contrapartida, do sistema sócio-econômico dos contextos nele inseridos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, à guisa de conclusão, baseando-se nos números encontrados nessa análise, evidencia-se a possibilidade de uma utilização coerente e sistemática dos meios de produção e desenvolvimento de uma região, desde que nessa relação sejam observadas as prioridades e a dinâmica produtiva, ou melhor, fazer com que os recursos naturais, sociais e humanos, sejam eficazmente utilizados. Sobretudo há que se adotar critérios avaliativos e positivos no setor dos recursos utilizados para o andamento da produção e da circulação dos meios produzidos, identificando as falhas operacionais, ou seja, adotar um bom planejamento organizativo, onde a participação e a dinamização dos recursos contemple amplamente ambos os setores e, economias envolvidas na produção, visando assim, a articulação e estruturação de um sistema de desenvolvimento sólido e eficaz, que vise realmente o engrandecimento da região como um todo.

Neste sentido, verificou-se que em ambas as microrregiões, é o setor agropecuário o mais expressivo tanto na absorção de empregados como na geração de renda, demonstrando as potencialidades regionais mais significativas. Em segundo lugar destacou-se o setor de serviços. Assim, o setor que poderia ser estimulado e que exerceria efeitos multiplicadores de renda e emprego significativos é o industrial. Além disso, os indicadores econômicos mostraram que este setor é concentrado em um número reduzido de municípios.

Outrossim, os resultados mostraram que as indústrias têxteis e de produtos alimentícios são as mais potenciais das duas microrregiões. Estes dois tipos de indústrias seriam capazes de absorver um número expressivo de empregados além de gerar renda regional. No caso da indústria de produtos alimentícios, esta seria capaz de absorver matéria-prima regional e estimular a agropecuária. Da mesma forma, ambos os tipos de indústrias induziriam a criação e o desenvolvimento de outros serviços especializados e complementares, além de estimular os já existentes.

Dessa forma, fica o desafio às esferas governamentais em criar políticas que estimulem a implantação de indústrias nos municípios das microrregiões analisadas e que estimulem o consumo desse tipo de produção haja vista que, ao contrário da demanda sobre produtos agropecuários, a demanda sobre produtos industriais é tipicamente imperfeita, e pode ser estimulada por políticas empresariais e públicas especificamente voltadas a esse

objetivo. Assim, o desenvolvimento socioeconômico regional seria alavancado através dos empregos e renda induzidos pelas indústrias.

## BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, P. S. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Texto para discussão (versão preliminar). SCP/RS: Porto Alegre, 1998. (Não publicado).

BECKER, D. F. Os primeiros resultados de uma experiência de programa de pesquisa cooperativa e interdisciplinar. In.: BECKER, D. F. (in memory); WITTMANN, M. L. (Orgs.). *Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc, 2003.

COREDEs – Conselho Regional de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Pró-RS II – Por uma organização social pró-desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul. *O funcionamento e os fundamentos de uma experiência de organização social do desenvolvimento regional*. v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

FERRERA DE LIMA, J. *La diffusion spatiale du développement économique regional: l'analyse de la diffusion au sud du Brésil dans le XX<sup>e</sup> siècle*. Thèse de Doctorat. DSH – Université du Québec à Chicoutimi, 2004.

HADDAD, J. H. (Org). *Economia regional: teoria e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.

HADDAD, P. R. Padrões regionais de crescimento do emprego industrial de 1950 a 1970. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 39(1), pp. 3-45, jan./mar. 1977.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Banco de dados agregados – SIDRA*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/>> Acesso em: 15 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico 1991*. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

LIMA, J. F. *et al.* A localização e as mudanças da distribuição setorial do PIB nos estados da região Sul (1970-1998). IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), Cuiabá, *Anais...* Cuiabá: SOBER, 2004. 1 CD-ROM.

LODDER, C. Padrões locacionais e desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Economia*, v. 28, n. 1, pp. 3-128, jan./mar. 1974.

MAUCE, M. T. *Democracia, participação e descentralização: a experiência dos COREDES no RS*. Doutorado em Desenvolvimento Regional (Tese). Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, Rio Grande do Sul/RS, 2000.

PAIVA, Carlos Águedo Nagel. *Como identificar e mobilizar o potencial de desenvolvimento endógeno de uma região?* Porto Alegre: FEE, 2004.

\_\_\_\_\_. *O que é uma região de planejamento com vistas ao desenvolvimento endógeno e sustentável.* In: Anais das primeiras jornadas de economia regional comparada. Porto Alegre, 2005. CD – Rom FEE/PUC – RS.

\_\_\_\_\_. *Ilusões e sabedorias da análise regional.* Porto Alegre: FEE, 2005.

PUMAIN, D.; SAINT-JULIEN, T. *L'analyse spatiale: localizations dans l'espace.* Paris: Armand Colin, 1997.

RAIS – RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. *Bases estatísticas RAIS/CAGED.* Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/Acesso/RaisOnLine.asp>>. Acesso em: 11 dez. 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. *A revolução de 30 e o problema regional.* Simpósio sobre a revolução de 30. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ERUS, 1983.

SIEDENBERG, D. R. Condicionantes político-administrativos do desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul – a experiência dos COREDEs. In.: WITTMANN, M. L.; RAMOS, M. P. (Orgs.). *Desenvolvimento regional: capital social, redes e planejamento.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

SILVA Neto, B.; FRANTZ, T. R. *Dinâmica da agricultura e desenvolvimento no Rio Grande do Sul.* Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 41, n. 3, jul./set. 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960).* 2.ed. Passo fundo: UPF, 2005.

TONI, Jackson De; KLARMANN Herbert. *Regionalização e planejamento, reflexões metodológicas e gerenciais sobre a experiência gaúcha.* [ S.n.t].